

SEGUNDO CADERNO

ARTHUR DAPIEVE

A Rainha da Uva

Ou 'Do alívio proporcionado por um apito final'



Tem razão Carlos Augusto Montenegro, homem forte do Botafogo, quando diz que aceita Romário apesar das estripulias noturnas do último gênio do futebol brasileiro. Digo mais. No time alvinegro deste ano, não são o Baixinho, mas o Leandro Machado, o Fábio Baiano e o Fábio seriam titulares. As camisas restantes podiam ser distribuídas, molhadas, para seis das moças gaúchas que precipitaram a crise no Flamengo. Elas perturbariam muito mais os adversários do que Zé Carlos e Valdir. E, no gol, poderíamos escalar a Rainha da Uva. Ela deve estar agarrando mais que o Wagner.

Exagero, como sempre. Mas meu exagero dá a medida do alívio que senti na noite de sábado passado, quando Oscar Roberto de Godoy apitou o final de Coritiba 3, Botafogo 1. Foi maior que o alívio anterior por não termos sido rebaixados, graças a Sandro Hiroshi, para a Segunda Divisão. Foi o último vexame da temporada, a cada trágica para o nosso 1999, ano a ser esquecido. Foi, queira Deus, o derradeiro hexatón tomado em intenção de Jorge Luis, a última partida da cambada que usurpou a gloriosa camisa alvinegra.

Por mim, do atual elenco podem ser mantidos, por apresentarem uma composição satisfatória entre idade, talento e hombridade, o zagueiro Sandro e os meio-campistas Reidner e Rodrigo. Fora um ou outro júnior promissor, o resto do elenco deve ser despachado para a Segundona, sua verdadeira vocação. Se, vá lá, por serviços prestados na conquista do Campeonato Brasileiro de 1995, quiserem arrumar um comedonete para o Wagner e para o Sérgio Manoel que seja no banco de reservas, mais confortável e fresquinho.

Tive mais pressentimentos na noite do dia 17 de junho, preso no engarrafamento que se seguiu a Botafogo 0, Juventude 0, resultado que nos tirou o título da Copa do Brasil deste ano. No rádio do carro, o presidente José Luiz Rollim comentava possíveis contratações para o Campeonato Brasileiro que se aproxima dizendo tratar-se de uma competição longa e difícil, "na qual quatro times vão ser rebaixados". Peraí, pensei, em vez de estar falando em contratar jogadores capazes ao menos de nos colocar entre os oito classificados para a segunda fase esse sujeito está falando

em tapar buracos para não sermos rebaixados? Já naquele instante me pareceu claro o seguinte: se você pensa realmente grande, em ganhar o título, seu time se classifica entre os oito; se você pensa grande, em se classificar entre os oito, seu time não será rebaixado; se você pensa mediocemente, em fazer número, seu time passará por maus momentos; e se você pensa microscopicamente, em não ser rebaixado, aí, meu caro, é quase certo que seu time será rebaixado. Não deu outra.

Não importa o que diga a tabela ou o tapetão, o Botafogo foi rebaixado este ano. Foi rebaixado a cada passe errado do Sérgio Manoel, a cada golpe de vista do Wagner, a cada gol perdido pelo Valdir, a cada patinada errada do Bandoch, a cada lateral cobrado berrado pelo Russo, a cada nova goleada sofrida, a cada contratação suspeita, a cada troca in-

tempestiva de técnico. Foi rebaixado ao depender de uma decisão (justa, aliás) dos tribunais esportivos para se manter na Primeira Divisão. Continua sendo rebaixado ao ter seu não-rebaixamento contestado pelo glorioso Gama, agora defendido por um senador, José Roberto Arruda (PSDB-DF), que certamente nada de melhor tem a fazer, já que o Governo do qual é líder só dá show de bola.

O deste ano foi o pior time do Botafogo desde que eu me entendo como torcedor, já lá se vão 30 anos, possivelmente o pior de todos os tempos. Formações anteriores, tão patéticas quanto esta, ao menos tinham vergonha na cara, amor à camisa. Esse bando ainda periga rachar R\$ 600 mil por "ter mantido o Botafogo na Primeira Divisão". Ora, isso é seqüestro! Os caras nos tomam como reféns e levam uma bolada apenas para nos restituir a liberdade.

Os torcedores fomos moralmente rebaixados, vítimas de chacota até de um episódio de lançamento imobiliário em Botafogo publicado nos jornais e distribuído nos sinais: "Você pode ser botafoguense e viver feliz." Duvido. De qualquer forma, mantenho o folheto pregado na cortiça da minha sala, logo em cima do cartão-postal com a célebre frase de Sartre: "L'enfer, c'est les autres." O inferno são os outros... que nos aplicaram sovras: Cruzeiro, Corinthians, Atlético Mineiro, Palmeiras, São Paulo, Vitória. Alegria nesse certame, só ganhar do Flamengo (e com gol do Valdir!), mas eu nem estava aqui para ver isso.

Estou aqui agora, porém, e leio as promessas mais ou menos grandiosas de Montenegro: Romário, Guilherme, Luisão, Djaír, Paulo Rink, Oséas, Gonçalves, Donizete e Leandro Ávila — os últimos três integrantes do time campeão brasileiro de 1995, cuja recomposição parece ser uma obsessão para o cartola campeão brasileiro de 1995. Só que eu também estava aqui na ocasião e me lembro perfeitamente do quádruplo aquele time vitorioso foi liquidado (ou não contratado em definitivo) pelo mesmo Montenegro por falta de um patrocinador forte.

No jogo decisivo de 95, na tarde de 17 de dezembro, contra o Santos, no Pacembu, jogaram Wagner, Wilson Goiano, Gottardo, Gonçalves e André Silva; Leandro Ávila, Jamir, Beto e Sérgio Manoel; Túlio e Donizete. Em seis meses, todos os titulares campeões, sem falar no Iranildo, se achavam fora do Botafogo, menos Wagner e Túlio, sendo que o artilheiro estava prestes a ir embora. Além disso, o nefasto Rollim — que pediu para ir ao banheiro quando o pau comeu — foi apadrinhado pelo próprio Montenegro, hoje endeusado.

Desculpe o desabato, caro leitor tricolor, vascaíno ou flamenguista, se é que sobrou algum após 130 linhas. Tenho medo de que, no final das contas, na falta do mitológico "parceiro forte", continuemos na pindaíba e entregues às pechinchas que nossos emissários andam catando na várzea. Não quero passar por tudo aquilo novamente. Levem um passeio do Coritiba! Bem, se o dilema é "mediocridade ou morte", prefiro o apito final e eterno.

E-mail para esta coluna: dapieve@oglobo.com.br

Descobrimento, diversidade e queixas no CCBB

Centro terá eventos em torno dos 500 anos entre as atrações de 2000; programação teatral irrita Gerald Thomas

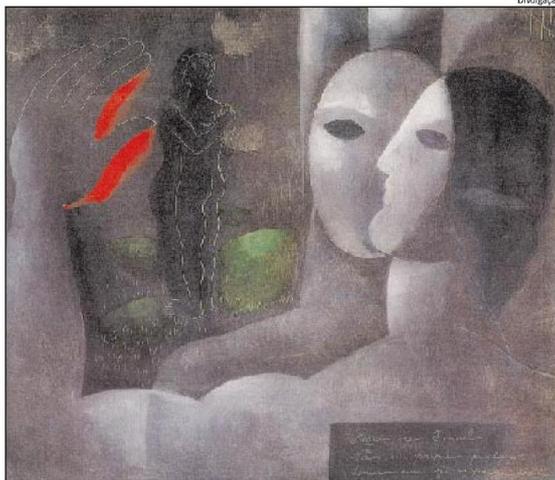
Roberta Oliveira

Com uma verba de R\$ 7,5 milhões, valor superior aos R\$ 6 milhões de 1999, o Centro Cultural Banco do Brasil promete alternar a sua programação para 2000 entre eventos dedicados aos 500 anos do Descobrimento do Brasil, pulverizados por diversas áreas, e projetos de fôlego como a retrospectiva "Ismael Nery 100 anos — A poética de um mito". O Teatro 1, como antecipei O GLOBO em outubro deste ano, será ocupado por espetáculos dos diretores Enrique Diaz, Amir Haddad e Antonio Abujamra, mas não contará mais com uma versão de "A tempestade" dirigida por Gerald Thomas, tendo o CCBB optado por uma montagem da peça de Shakespeare no foyer.

Nunca fui tratado no Brasil com tanta irresponsabilidade — afirma Gerald, que diz ter recebido mais de uma confirmação por parte do CCBB até ser comunicado, no mês passado, de que o projeto não estaria mais na programação. — Desde junho estou sendo enganado. O CCBB causou o desemprego de 12 atores, que recusaram outros convites para fazer "A tempestade". Pessoalmente, abri mão do convite para dirigir duas óperas.

Diretora de eventos do CCBB, Marta Payg diz que o espetáculo de Gerald não chegou a ser confirmado. — Sempre que fazemos uma pré-seleção, entramos em contato com o diretor ou o produtor para saber se o projeto continua de pé, mas é só numa segunda etapa que fazemos as escolhas definitivas. Neste caso, optamos por "A tempestade" no foyer porque representa um desafio maior.

A seguir, os destaques da programação do CCBB para 2000:



"O ENCONTRO", tela de 1928 de Ismael Nery selecionada para a grande retrospectiva da obra do pintor

• **500 ANOS:** A exposição "Os mapas do Descobrimento" (de 18 de janeiro a 23 de abril) reunirá mapas, atlas, cartas geográficas e plantas originais do território brasileiro entre os séculos XVI e XVIII.

• **ARTE BRASILEIRA:** Há três grandes mostras programadas. "Instituto de Arte Contemporânea — Sérgio Camargo, Mira Schendel e Willys de Castro" reunirá entre 15 de março a 21 de maio obras destes três artistas; "Ismael Nery 100 anos — A poética de um mito" (de 1º de junho a 6 de agosto) revê a extensa obra do pintor no ano de seu centenário, e "Tomie Ohtake" (de 8 de novembro a janeiro de 2001) é uma retrospectiva da artista.

• **ARTE INTERNACIONAL:** Além de "Arnulf Rainer — Von Martius: A sombra das palmeiras" (de 29 de março a 21 de maio), com intervenções do austríaco Rainer sobre as litografias do alemão Martius, haverá "Les années supports/surfaces" (18 de agosto a 29 de outubro), com obras pertencentes ao Centre Georges Pompidou de franceses que, nos anos 60 e 70, discutiram o papel dos suportes.

• **COLEÇÃO GEYER:** Pela primeira vez serão apresentadas ao público na mostra "Visões do Rio na Coleção Geyer" (13 de setembro a 17 de dezembro) as obras doadas ao Museu Imperial de Petrópolis por Paulo e Maria Cecília Geyer.

• **DANÇA:** Em mais uma edição, o festival Dança Brasil (de 5 de abril a 14 de maio) destacará o vínculo entre a dança contemporânea e o teatro.

• **TEATRO:** Pela primeira vez uma peça será montada no foyer do CCBB: "A tempestade", de Shakespeare, com direção de Caco Coelho. Ocuparão o Teatro 1 os espetáculos "O rei da vela", de Enrique Diaz (a partir de 3 de fevereiro); "O avarento", de Amir Haddad (estreada em 25 de maio); e "Esta noite se improvisa", de Antonio Abujamra (a partir de 7 de setembro). Já no Teatro 2 estreada em outubro "Hotel dos esplêndidos", peça de Jean Genet dirigida por Daniel Herz.

• **MUSICAIS:** Stella Miranda estreia no Teatro 2 em 20 de janeiro "Crioula", biografia musical de Elza Soares. No mesmo palco, André Heller dirige em agosto "A ópera dos três vinténs", de Brecht. Já no Teatro 3, Zé Luiz Rinaldi faz "Os deslimites da palavra", com poemas de Manoel de Barros.

• **MPB:** A programação começará em fevereiro com uma série de shows lembrando os 90 anos de nascimento de Nelson Cavaquinho. Já estão escalados nomes como Elton Medeiros, Nelson Sargento, Monarco e Lucy Brandão. De 5 a 30 de abril, é a vez de Elizeth Cardoso, que faria 80 anos em 2000, ser homenageada nos shows de "Uma rosa para Elizeth". Dirigida por Ricardo Cravo Albin, a série "MPB — A história de um século" (de 3 a 28 de maio) mostrará a evolução da MPB nos últimos cem anos. Já na série "De onde veio a bossa nova" (de 6 de setembro a 1º de outubro), com Guinga, Leila Pinheiro e outros, o músico Henrique Cazes tentará provar que as raízes do movimento são anteriores ao violão de João Gilberto.

• **CLÁSSICO BRASILEIRO:** Entre março e abril o projeto "Palavras brasileiras" mostrará peças criadas a partir de documentos da História do Brasil por compositores como Francis Hime e Cirlei de Hollanda. Cirlei voltará ao CCBB em maio comandando a série "A poética e a ruptura na música do século XX".

• **GRANDES COMPOSITORES:** Em "Copland & Shostakovich", em junho, será lembrando o centenário do primeiro e os 25 anos da morte do segundo; "Festival Bach", em outubro, e "Ciclo Mahler", em novembro, pretendem rever as obras dos dois gênios.

• **PORTUGAL-BRASIL:** Em janeiro acontece "Portugal-Brasil: Travessias de cinema", mostra comparativa das filmografias brasileira e portuguesa com a exibição de 11 filmes nacionais e 11 lusos, complementados por uma seleção de curtas-metragens. Faz parte das comemorações dos 500 anos do Descobrimento.

• **É TUDO VERDADE:** Pela quinta vez, o CCBB sedia a maratona É Tudo Verdade — Festival Internacional de Documentários. Com documentários produzidos em todo o mundo, a mostra acontece entre 6 e 20 de abril.

• **SUNDANCE:** O CCBB promete uma mostra com filmes que se destacaram no Sundance Film Festival, o maior evento do cinema independente americano. O projeto, de 1º a 8 de julho, abre caminho para o 4º Laboratório de Roteiros Sundance/Rio Filme, que apresentará filmes cujos roteiros foram trabalhados em workshops do Sundance.

• **CINESUL 2000:** A produção audiovisual latino-americana volta ao cartaz com o Projeto Cinesul 2000 — 7ª Mostra Latino-Americana do Rio de Janeiro, entre 15 e 29 de junho.

• **ANIMA MUNDO:** O evento terá em sua 8ª edição (entre 13 e 23 de julho) mostras opcinias em cinema e vídeo, oficinas de técnicas de animação e encontros com realizadores nacionais e estrangeiros.

• **WALTER LIMA JR.:** O diretor de "A ostra e o vento" é o grande homenageado do ano, com uma retrospectiva de seus filmes entre 12 e 26 de outubro.

• **SEMINÁRIO:** O centenário de Gilberto Freyre inspira palestras em março. ■

